

Pelos Horizontes Musicais, Pedagógicos e Históricos de Maria Yeda Caddah

Comunicação

Rodrigo Alves de Melo
Universidade Federal do Piauí
rodrigo.melo@ifpi.edu.br

Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti
Universidade Federal do Piauí
ednardo@ufpi.edu.br

Resumo: O presente trabalho é um recorte de uma Tese de Doutorado em andamento e tem como foco conhecer as memórias e histórias formativas da pianista e professora de música piauiense Maria Yeda Caddah e pretendemos assim, contribuir com a História da Educação e em especial, com a História da Educação Musical. Buscamos entender como suas viagens formativas influenciaram em sua atuação, enquanto artista e docente. Após algumas perguntas norteadoras para este estudo, passamos por discutir sobre memória, história de formação docente, bem como sobre formação artística e intelectual de professores de música. Salientamos também a metodologia de investigação baseada em pesquisa documental e bibliográfica. A partir dos referenciais teóricos de Bourdieu (2006), Ferro (2010), Rocha (2012), Monti (2015), entre outro que discorrem sobre história e memória, educação e história, viagens de formação e trajetórias docentes, buscamos interpretar as contribuições desta pianista para a História da Educação Musical.

Palavras-chave: Educação Musical; História da Educação; Memória.

Introdução

O presente trabalho é parte da construção da tese para Doutorado na área da História da Educação, em especial, História da Educação Musical no Piauí, com foco específico nas memórias pedagógicas e musicais da professora e pianista Maria Yeda Caddah. A possibilidade de pesquisar sobre a História da Educação, em especial, sobre a trajetória de uma musicista e professora de piano é de extrema importância, não apenas para mim, por ser músico e educador musical, mas sim, para a história da educação musical no Piauí. Essa mesma possibilidade é corroborada por Galvão e Lopes (2010, p. 11), que afirmam que “muito do que ocorre no universo da educação ainda é pouco conhecido pelos

pesquisadores e mesmo pelos professores”. Ou seja, muito ainda se tem a pesquisar sobre a temática, no estado em questão.

Pianista desde os meus 10 anos de idade, quando iniciei meus estudos musicais, sempre busquei conhecer mais sobre pessoas que se dedicavam ao ensino de música, mas que muitas vezes, não estavam em evidência. Penso que estes muito contribuíram para a educação e pesquisar sobre suas atuações é poder colocar seus nomes e suas contribuições no campo da história da educação.

Assim, nasce a proposta de tese desta pesquisa: saber mais sobre a história e memória destas que se dedicaram à aprendizagem e ensino de piano, de forma especial na pessoa da Professora Maria Yeda Caddah, como se dava suas aulas, sua didática, quais foram suas dificuldades nessa modalidade de ensino, bem como foi a sua aprendizagem em suas viagens, concertos, entre outros. Maria Yeda, objetivo desta pesquisa, tem 92 anos e reside em Teresina. Ao entrar em contato com ela via telefone, com o intuito de conversar sobre a possível pesquisa sobre a sua trajetória, a mesma ficou muito feliz com essa possibilidade.

A presente proposta de pesquisa, busca ser embasar nas histórias de vida, história oral, história da educação e biografias. Para Galvão e Lopes (2010, p. 76), “a empatia entre aquele que dá um depoimento e aquele que escuta deve ser levada em conta no trabalho”. As autoras nos chamam atenção fato de que o pesquisador deve partilhar com o seu pesquisado sobre seu interesse em elucidar o problema que o primeiro se propôs a resolver com a investigação. Assim, lançaremos mão de entrevistas em nossas caminhadas metodológicas, pois segundo Bueno (2006, p. 14), “a entrevista é com uma construção de intertextos, e as falas, mais do que respostas, são uma ação dialógica por meio do qual o sujeito constrói e reconstrói sentidos”. Sobre o uso de autobiografias e histórias de vida a autora afirma ainda que:

A intensificação de tais metodologias aqui no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 1990, contribuiu para renovar a pesquisa educacional em vários aspectos, notadamente no que diz respeito à pesquisa e à formação de professores, fazendo aflorar o interesse por questões e temáticas novas, tais como as que configuram nos estudos sobre profissão, profissionalização e identidades docentes (BUENO, 2006, p. 18).

A citação acima nos leva a refletir sobre o que pesquisar. O objeto de estudo dessa proposta de pesquisa é investigar a trajetória de Maria Yeda, enquanto pianista e professora



do referido instrumento, bem como suas aprendizagens por meio de suas viagens ao longo de sua trajetória. Não buscaremos traçar toda a vida da professora Yeda, mas sim, aspectos de cunho musicais e pedagógicos, pois tendo como partida os escritos de Bourdieu (2006) em sua “A ilusão biográfica”, é “ilusão” querer se pesquisar tudo sobre determinado assunto, ou seja, devemos elencar pontos que sejam importantes de se frisar dentro da biografia que buscamos estudar.

A inquietação por conhecer mais da trajetória da pianista e professora de música surgiu, além da minha experiência musical, após leitura e análises do trabalho de Monti (2015), que reflete sobre a importância das viagens da Pianista brasileira Magdalena Tagliaferro. O autor traz a lume que a artista e professora teve carreira internacional, dando aulas no Conservatório de Paris, uma das instituições mais importantes do mundo, mas que “atualmente, boa parcela do povo brasileiro não conhece a trajetória da educadora e intérprete” (MONTI, 2015, p. 06).

Considerando os escritos do autor acima, nos direcionamos para a figura da Pianista piauiense Maria Yeda Caddah. Elencamos saber mais sobre a história e a formação dela, conhecer mais sobre sua prática docente, dificuldades que porventura tenham surgido, o impacto que causou na sociedade piauiense, por meio de depoimentos de ex-alunos, amigos e familiares.

Como se deu a trajetória pianística e pedagógica de Maria Yeda? Esta é a inquietação da nossa investigação. Qual a história dessa mulher, suas memórias e suas resistências enquanto mulher nesse mercado de trabalho? Concordamos com Perrot (2007, p. 98), ao afirmar que “Escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil.” Conhecer mais sobre a história de Maria Yeda pode nos fazer entender mais sobre como foi a trajetória de trabalho de uma mulher artista e professora, em cenários nem sempre propícios para tal feito. Esse problema de pesquisa se justifica por alguns aspectos.

Primeiramente, a escassez de material escrito acerca dessa proposta, tendo em vista os trabalhos acadêmicos existentes que tratam da educação musical no Brasil e em Teresina de uma forma mais geral, com relatos que não descrevem de forma específica a atuação dessa professora, além de sua história e memória, além de deixar no anonimato outras professoras atuantes que não estão nos compêndios e trabalhos acadêmicos escritos até o presente momento. Finalmente esperamos, ao final da pesquisa, poder contribuir com a



história da educação, em especial na música, trazendo a história de mulheres, protagonistas do ensino dessa modalidade de instrumento musical, tendo Maria Yeda Caddah como figura central dessa pesquisa.

Desenvolvimento

O ato de recordar nos remete a situações vivenciadas, seja através de uma palavra declamada, um trecho de um livro ou mesmo a letra de uma música. Podemos assim perceber que, por trazer a lume lembranças que tenham grandes significado para àqueles que dela se utilizam, a memória segue seus caminhos juntamente com a história, pois segundo Felix (1998, p. 44), “a história capta e estuda memórias; constrói-se também com elas”. A autora afirma ainda que as duas vertentes não são sinônimas, mas tem um ponto em comum, que é o de serem “obrigatoriamente seletivas” (p.42). Félix aborda que:

O registro histórico, por não ser afetivo, e, sim, operação intelectual, permite (e exige), o distanciamento, a problematização, a crítica e a reflexão sobre a memória. A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social (P.43).

Ainda sobre história e memória, Catroga (2001, p.40) nos traz que “o reconhecimento da existência de características comuns à memória e à história não pretende negar, porém, a especificidade de ambas as narrações sobre o passado”. Assim, mesmo com suas peculiaridades, as duas vertentes são, com bases nos autores acima, importantes instrumentos para se conhecer e estudar o passado.

Conhecer o passado pelos caminhos da história e da memória é um trabalho de resgate na qual trazemos não apenas memórias, mas também, histórias de vida, de lugares, de instituições, entre outros que assim se julgue importante pesquisar. Ao se lançar mão de um trabalho dessa envergadura, podemos contemplar histórias tidas com oficiais, que já foram narradas, dando -lhes nova roupagem, bem como narrar aquelas histórias e memórias que ficaram no esquecimento, as histórias populares e do cotidiano, daqueles e daquelas que muitas vezes foram colocados na estrada do esquecimento. Sobre isso, Felix (1998, p. 45), afirma que:

Estudar memória, entretanto, é falar não apenas vida e de perpetuação da vida através da história; é falar também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, os não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária, que é a permanência de memórias subterrâneas, entre o esquecimento e a memória social.

E nessas memórias subterrâneas, a autora traz ainda que são as memórias daqueles que são excluídos, que ficaram à margem da história, que não tiveram sua fala e nem seus espaços reconhecidos, sendo relegados da história oficial. Para Souza (2000, p. 15), “a exclusão da memória, da história vivida e compartilhada, acaba cedendo espaço para uma identidade atemporal e reificada”. São muitos os que contribuíram com seu legado, seu trabalho e sua vida para a construção do que hoje temos de história, em muitas áreas do conhecimento.

De modo especial, se faz importante verificar documentos produzidos à época, como cartas, recortes de jornais, entrevistas, entre outros, concordando assim com o pensamento de Rocha (2012, p. 23), ao analisar correspondências produzidas por ocasião de viagens de educadores musicais para outros países, afirmando que:

Apesar de lacunas e limites que as fontes utilizadas apresentaram, considero que cartas, bilhetes e memórias são documentos inéditos e privilegiados a fim de que possamos lançar novos olhares para esse período em que a Educação Musical ganhou efervescência como em nenhum outro período.

Ao nos delimitarmos no terreno fértil que é a história da educação, muitos frutos podem brotar, se tornando uma colheita farta de conhecimento, história e memória. De acordo com Souza (2000, p. 41), “para além da história e da nostalgia, a relação entre memória e escola é mais profunda”. Para a autora, os horizontes da educação se fixaram no futuro, com vistas de dispensar tudo que se remeta ao passado, ao ensino baseado na tradição. Os paradigmas científicos, segundo Souza (2000), acabaram por impor à educação um distanciamento entre a mesma e sua própria memória.

Para se fazer uso dessas memórias na pesquisa em história da educação, Ferro (2010) aborda que elas têm andado em sintonia com o movimento que tem renovado os estudos



históricos, na perspectiva da nova história cultural. Com a observação das mais diversas fontes, podemos estudar os agentes envolvidos, as formas e as culturas escolares, no aspecto histórico (Ferro, 2010). Esse mesmo estudo pode vir a ser realizado se fazendo uso das narrativas, pois:

O ato de narrar a experiência de vida, conduz as relações entre o desenrolar da própria história e o desenrolar da narrativa da mesma, que quase sempre se dá a posteriori. A relação entre o passado narrado e o presente da narrativa possivelmente influenciado pelas percepções e vivências do narrador entre um fato e outro. Há sempre a dúvida imposta pelo relativismo e pela visão perspectiva (FERRO, 2010, p. 32).

De quem se poderia conhecer as narrativas no contexto da história da educação? De todos aqueles que fizeram e faz parte do universo particular onde a educação e suas nuances estão inseridas. Aqueles que contribuíram para a história das instituições de ensino, outros que lutaram por reformulações nas abordagens de aprendizagem ou mesmo aqueles que, mesmo de forma indireta, fizeram a diferença nas instituições educacionais e para Souza (2000, p. 51), esses “são sujeitos históricos e não apenas atores sociais”, o que nos leva a indagar por que muitos destes sujeitos não estão citados ou mesmo reverenciados nos escritos acadêmicos sobre a temática em questão.

Ao propor trazer narrativas com as memórias ainda não contadas, se busca desvendar outras histórias, “a partir da localização de novos objetos historiográficos relevantes” (Félix, 1998, p. 64). Não que dizer que se escreveria uma “nova história” ou mesmo “novos temas”. Para Felix (1998), essas vertentes sempre estiveram no passado o que acontece, segundo a autora é que “a consciência do presente é que não estava sensibilizada para eles em face de outros interesses, outras concepções de mundo e da inserção social e ideológica do pesquisador” (p.65).

Desta forma, realizar essa ação é poder contribuir com história da educação, concordando com Ferro (2010, p. 41), ao afirmar que “considera-se de grande importância e validade os trabalhos atualmente realizados em história da educação enfocando as representações da memória, entre outros aspectos”.

Essa pequena reflexão sobre memória nos chama à atenção para a história da educação, em especial, da educação musical através do ensino de piano, mediado por



professoras particulares de piano em Teresina. Antes, se faz necessário nos situar um pouco como foi a situação do Piauí, no início de sua colonização e o ensino particular de música, na cidade em foco, no Início do Século XX.

Diferentemente de estados vizinhos como o Maranhão e Ceará, o Piauí foi colonizado através das sertanias de contrato, tendo como atividade principal a pecuária. Segundo Filho (2009, p. 85),

O Piauí também não possuía os predicativos necessários ao desenvolvimento de lavouras lucrativas, como a cana de açúcar, o cacau ou o café, de sorte que o estado jamais se constituiu num grande atrativo, senão para aqueles que quisessem se dedicar à atividade pecuária.

Como a preocupação com a atividade pecuária era o que importava naquele momento de consolidação das terras pela coroa portuguesa, a preocupação com as artes, com o ensino de modo geral e, em especial, com o ensino de música, foram relegados a um segundo plano.

A Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, embrião da primeira vila do Piauí, era, na verdade, simplesmente o resultado do crescimento da fazenda Cabrobó, de propriedade de Domingos Mafrense, o único dos pioneiros a efetivamente fincar bandeira em terras piauienses. (FILHO, 2009, p.85).

O autor afirma ainda que “A rudeza característica do trabalho pecuário em ambiente tão adverso acabou resultando numa sociedade composta por pessoas, em sua maioria, sem qualquer tipo de instrução” (Ibid, p. 85). Aos poucos a situação foi se modificando, com a criação da primeira Capital, Oeiras¹.

O fazer musical em terras oeirenses era uma atividade, sobretudo, coletiva, caracterizada pelo agrupamento de pessoas em bandas, pequenas orquestras e diversos outros tipos de conjuntos musicais, como as mulheres bandolinistas, existentes ainda nos dias atuais (REIS, 2006, apud FILHO, 2009, p. 86)

¹ Com o desmembramento da Capitania do Maranhão, em 1718, O decreto de elevação de Oeiras a capital do Piauí se deu em 1759, com a chegada do primeiro governador do estado, João Pereira Caldas.



Fazendo um recorte temporal, com a transferência da Capital para a Chapada do Corisco, por ordem de José Antônio Saraiva², em 16 de agosto de 1852, Teresina, tornou-se o centro de todas as atividades, fossem comerciais, religiosas e culturais. No início do século XX, segundo Filho (2019), com a facilidade de se adquirir instrumentos musicais através de comerciantes e a imitação dos gostos musicais europeus, o ensino particular música foi se inserindo no contexto da sociedade da época. Havia assim diversas aulas de instrumentos, como relata Filho (2019, p. 155): “Além de piano, naqueles anos a capital piauiense já registrava a existência de aulas particulares de violino, bandolim, violão, violeta, e flauta, cujas notícias chegaram até nós através de notas de jornal da época”

Por meio de notas de jornais foi que muitas mulheres ofereciam seus serviços de professoras de música, o que demonstra um passo ousado para uma época ainda com pensamento de que as mulheres deveriam ficar em casa e cuidar da família. Filho (2019), afirma que mulheres professoras de música não costumavam ter outra profissão, diferentemente dos homens. O autor chama à atenção, com uma citação de Castelo Branco, que a feminização profissão de professora de música, foi “um importante movimento na trajetória de emancipação da mulher piauiense, ocorrido no decorrer de todo o século XX” (Castelo Branco, 1992, p.93-94, apud Filho, 2019, p. 156). É importante sabermos como se deu essa emancipação da mulher piauiense, tendo o ensino de piano como pano de fundo. Isso vai de encontro com o pensamento de Costa e Gonçalves (2013, p 125), ao afirmarem que:

O professor, enquanto profissional, expressa diferentes destrezas, informações, crenças, atitudes, inquietações e interesses durante sua carreira. Ao longo de trajetória, ocorrem fatos, negativos ou positivos, que contribuem direta ou indiretamente para que ele se desenvolva.

São muitas os relatos de vida que existem no ensino de música. Muitas são as histórias de mulheres que, mesmo em uma sociedade patriarcal como a Piauiense, saíram em busca de aperfeiçoamento em diversas áreas. Estudar música, então era algo impensável. Ao se buscar interpretar como se deu a trajetória artística e pedagógica da

² Nomeado por carta imperial em 23 de junho de 1850 para presidir a província do Piauí.

professora Maria Yêda Caddah, buscamos conhecer os horizontes pela qual essa mulher passou, em sua jornada enquanto pianista e professora de música.

Halbawachs (1990, p. 185), sobre os músicos e suas lembranças, aborda que elas “se conservam numa memória coletiva que se estende, no espaço e no tempo, tão longe quanto sua sociedade”. A busca pela narrativa dessa educadora é corroborada por Costa e Gonçalves (2013, p. 133), ao afirmarem que “é importante conhecer as experiências pelas quais os professores passam, com a finalidade de conhecer sua história de vida”. Assim, espera-se que a pesquisa pretendida possa engrandecer, a história da educação no Piauí.

Metodologia

Pesquisar sobre educação e, em específico, sobre histórias de práticas da educação é reconhecer e valorizar essa disciplina ao ser humano, pois segundo Leão e Carvalho (2017, p. 13), “o ensino de música leva ao desenvolvimento cognitivo musical e se trata de um ensino de disciplina considerada, por nós pesquisadores e educadores, como imprescindível à formação do ser”. Num primeiro momento, realizaremos uma revisão bibliográfica, com autores e assuntos relacionados ao tema proposto, para embasamento teórico da proposta de pesquisa pretendida.

Buscaremos também conduzir a pesquisa com uma abordagem qualitativa, por ser tratar de uma área das ciências humanas. Nesta Penna (2015, p.101), afirma que “em busca de abordagens e métodos apropriados para contemplar a complexidade dos fenômenos a serem estudados, desenvolveram-se as propostas de pesquisa qualitativa, voltadas para compreender, em lugar de comprovar”.

Com foco na história da educação, e mais diretamente na história e memória da professora e pianista Maria Yeda Caddah, temos a narrativa como ferramenta nessa jornada. Sahagoff (2015, p. 01) descreve que “a pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana”. Ao se refletir sobre educação, “vemos a pesquisa narrativa como uma possibilidade de estudo interessante, pois educação e vida estão interligadas” (Ibid, 2015, p. 02).

Essas narrativas passam pela história oral que segundo Alberti (2005, p.155):

É uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador e da fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Com essa premissa em mente, passamos assim aos personagens que envolvem a temática. As narrativas almejadas serão advindas dos sujeitos que podem vir a ser amigos e parentes da docente, bem como ex-alunos ou ex-colegas de trabalho ou outras pessoas que possam vir dar sua contribuição sobre a proposta de pesquisa. Buscaremos conhecer mais sobre eles a partir de entrevistas semiestruturadas. Para Penna, (2015, p. 138), esse tipo de coleta de dados é a mais adequada, pois permite “tanto solicitar informações sobre a formação ou experiência do professor ou educador, quanto buscar, com mais flexibilidade, suas concepções ou os significados que atribui a sua própria prática.”

Os dados obtidos serão sistematizados para depois serem transcritos e analisados, pois, de acordo com (Ibid, 2015, p. 154), “o processo de análise é em geral mais amplo do que o texto final que ele resulta, até porque esse processo pode envolver diversas etapas para a sua realização”. Essa etapa requer minúcia e detalhamento, pois é nessa hora a qual a arte deve estar a serviço da escrita, levando assim o leitor há um envolvimento com o que se está sendo descrito e detalhado.

Após essa etapa iniciaremos o processo de escrita da tese. Para Severino (2007, p. 221), a tese de Doutorado “deve representar um progresso para a área científica em que se situa. Deve fazer crescer a ciência. Se espera que a tese pretendida possa contribuir para futuras pesquisas na história da educação, em particular na educação musical e no ensino e história do piano.

Considerações Finais

Um tema proposto para averiguação sempre pode relevar novas nuances à medida em que avançamos em nossas investigações. Na busca pela história de um docente, em especial da área da música, na qual ainda se tem poucos trabalhos realizados, há muito o que se conhecer. Este ensaio sobre a trajetória, memórias e viagens formativas da professora Maria Yeda Caddah, pode nos trazer novos olhares de como vemos e entendemos alguns



aspectos da história da educação e da educação musical. Este trabalho, como explicitados em suas linhas introdutórias, é parte de uma pesquisa de doutorado que irá culminar na escrita de uma tese acadêmica.

Ao se realizar os primeiros trajetos da pesquisa, com a submissão do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, obtivemos a aprovação junto ao comitê de ética. Com isso, passamos agora para o fichamento da literatura que será utilizada de embasamento teórico, bem como a realização das entrevistas narrativas. Assim, passaremos aos processos metodológicos posteriores de construção e defesa da tese almejada.

Trazer um pouco dessa história com as memórias da Professora Yeda é tornar mais conhecida não apenas a história dela, é ampliar os horizontes do ensino de música. Ao se familiarizar com a formação musical e artística dessa educadora musical, bem como suas viagens de cunho pedagógico, sua experiência docente em outras localidades podem nortear como alguns profissionais buscavam uma formação musical mais sólida para suprir as dificuldades de se estudar ou mesmo empreender música em solo piauiense.

Nessa perspectiva esperamos, ao final da pesquisa, poder contribuir com a história da educação, em especial da educação musical, trazendo a história de mulheres, protagonistas do ensino dessa modalidade de instrumento musical, tendo Maria Yeda Caddah como figura central desta inquirição.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky. (organizadora). 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik; CATANI, Denise Bárbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). Educ. Pesqui. [online]. 2006, vol.32, n.2, pp. 385-410. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022006000200013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 23 de maio de 2022.

CATROGA, Fernando. Memória, História e Historiografia. Quarteto editora, Coimbra: 2001.

COSTA, Roseli Araújo Barros. GONÇALVES, Tadeu Oliver. Histórias de vidas: a vez e a voz dos professores. Revista Margens Interdisciplinar. Periódicos UFPA. V. 7, n. 8, 2013.

FÉLIX, Loiva Otero. História e memória: a problemática da pesquisa. Ediupe, Passo Fundo: 1998.



FERRO, Maria do Amparo Borges. Cazuza e o sonho da escola ideal. EDUFMA, São Luís: 2010.

FILHO, João Valter Ferreira. História e memória da educação musical no Piauí: Das primeiras iniciativas à Universidade. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2009.

_____. A educação musical no Piauí no início do Século XX: Entre as aulas

particulares e o ensino coletivo de bandas. Ecos e memórias: histórias de ensinos, aprendizagens e músicas / Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, Inês de Almeida Rocha, organizadores. –Teresina: EDUFPI, 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. LOPES, Eliane Marta Teixeira. Território Plural: A pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent León Schaffter. 2ª ed. Vértice Editora, São Paulo: 1990.

LEÃO, Eliane. CARVALHO, Valéria Lázaro de. Pesquisa em música II: o ensino, a vivência e a aprendizagem musical. Curitiba: CRV, 2017.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Horizontes pedagógicos e pianísticos nas escritas autobiográficas de Magda Tagliaferro. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 150-171, setqdez. 2015. <http://dx.doi.org/10.5965/1984723816322015150>. Acesso em 24 de maio de 2022.

PENNA, Maura. Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERROT, Michele. Minha história das mulheres. Tradução Angela M. S. Côrrea. Campinas: Contexto, 2007.

ROCHA, Inês de Almeida. “Quanta coisa para pensar nos tem dado essa gente”: educadores musicais brasileiros em viagem aos Estados Unidos. Opus, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.. 101-126, jun. 2012. [file:///C:/Users/User/Downloads/180-275-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/180-275-1-PB%20(3).pdf). Acesso em 23 de maio de 2022.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa Narrativa: Uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq – 19 a 23 de outubro de 2015. https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf. Acesso em 22 de maio de 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23ª ed. São Paulo: Cortez. 2007.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. A escola e a memória. EDUSF, Bragança Paulista: 2000.



